



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CHARLOTTE AVELINO DE ALBUQUERQUE

**O PAPEL DA LIBRAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO
ESTUDANTE SURDO**

JOÃO PESSOA – PB

2023

CHARLOTTE AVELINO DE ALBUQUERQUE

**O PAPEL DA LIBRAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO
ESTUDANTE SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do
Centro de Educação, da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dr.^a Adenize Queiroz de Farias.

JOÃO PESSOA – PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A345p Albuquerque, Charlotte Avelino de.

O papel da LIBRAS no processo de alfabetização do
estudante surdo / Charlotte Avelino de Albuquerque. -
João Pessoa, 2023.

40 f. : il.

Orientação: Adenize Queiroz de Farias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Libras. 2. Surdez. 3. Alfabetização. I. Farias,
Adenize Queiroz de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 376-056.263(043.2)

CHARLOTTE AVELINO DE ALBUQUERQUE

**O PAPEL DA LIBRAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO
ESTUDANTE SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do
Centro de Educação, da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

JOHNIZO DE FARIAS

Professora Adenize Queiroz de Farias

Orientadora

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professora Sandra Alves da Silva Santiago

Membro avaliadora

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professora Munique Massaro

Membro avaliadora

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

*Dedico este trabalho a ti, que fez, e
faz dia após dia com que eu
acredite em todas as possibilidades,
a pessoa que mais confia em mim.
Eu amo você.*

AGRADECIMENTOS

Durante toda a escrita desse trabalho, eu já pensava nos agradecimentos e logo me vinha à cabeça o nome de diversas pessoas que tornaram essa trajetória possível para mim. O caminho para êxito no ensino superior não consiste apenas no que vivemos dentro do Campus mas também do que acontece em nosso caminho fora dele e como isso interfere até nossa chegada até lá.

Eu gostaria de agradecer a minha tia Cristina, minha avó e minha tia Socorro por todas as noites tornarem o meu caminho para casa mais seguro, graças ao cuidado de me buscar no ponto de ônibus ao fim de todas as aulas noturnas.

Gostaria de agradecer aos meus pais por nunca desacreditarem da existência desse momento, ao meu irmão por ser uma companhia efetiva em alguns dos trabalhos manuais que desempenhei durante toda a graduação, sei que futuramente terei o prazer de vê-lo como estudante daqui também.

Gostaria de agradecer aos amigos que fizeram parte dessa trajetória, me auxiliando em questões acadêmicas e oferecendo o suporte necessário para perceber que isso seria possível.

Por último, mas quem eu não poderia de forma alguma esquecer, obrigada Artur, por tudo que fez por mim tanto para me fazer acreditar no meu potencial acadêmico, quanto por fazer o possível para me auxiliar, por estar presente quando estou cansada e sempre me lembrando de que desistir não é uma opção neste caso, não sou capaz de mencionar tudo em um texto tão curto, mas quero documentar sua importância durante todo o processo.

RESUMO

Quando paramos para pensar sobre a temática da alfabetização, é comum olharmos apenas para a perspectiva verbal, em muitos ambientes não é dada a atenção devida ao desenvolvimento integral do sujeito, o que pode acarretar em diversas consequências. Outro aspecto frequente é que essa prática tem sido automaticamente associada aqueles que seguem os padrões sociais já estabelecidos, ignorando indivíduos com necessidades específicas que demandam adaptações para tornar possível o processo de aquisição da leitura e escrita. Considerando tais fatores, essa pesquisa objetiva analisar como se dá o processo de alfabetização de pessoas surdas. Diversos artigos tratam das práticas de alfabetização na educação de todos e trazem sugestões de como introduzir esses estudantes para vivências em um mundo letrado, no entanto, é possível observar que a maior parte dessas práticas se apoia em recursos sonoros para associar a palavra verbalizada a escrita, nesse caso, considerando que diversos métodos privilegiam os recursos auditivos como ferramenta chave para a alfabetização, questiona-se como se dá esse processo quando nos referimos a pessoas surdas. Este trabalho pretende ainda analisar as ferramentas e métodos usados por professores para ensinar o português como L2 fazendo uso da língua brasileira de sinais como primeira língua. Dialogamos também acerca das estratégias que reforçam a identidade e do estudante surdo, tornando possível um bom desenvolvimento escrito no português apoiando-se em sua língua principal, a libras. Para a elaboração deste trabalho foram utilizados referenciais bibliográficos que tratam sobre a surdez, com ênfase para elementos da cultura e identidade desses sujeitos, em seguida, realizou-se uma investigação exploratória através de um trabalho de campo para visualização da prática em uma escola de ensino regular da rede estadual em João Pessoa – PB. Foi possível observar a identificação presente quando os estudantes aprendiam a decifrar os códigos mediante o olhar que compreendia bem suas especificidades e cultura. Seguindo por essa abordagem, foi possível identificar meios que propiciam o melhor desenvolvimento do aluno surdo tomando como base a Libras.

ABSTRACT

When we think about the literacy theme, It is habitual to only look at the verbal perspective. In many environments, is not given the determined personal development of the subject, which can lead to various consequences. Another frequent aspect is that practice is often associated with the ones that already follow the social patterns established, ignoring individuals with specific needs that demand adaptations to make sure that the acquisition process of reading and writing skills. Based on these factors, this research aims to analyze how it goes the literacy process of deaf people. Several articles deal with people's lecturing practices and can give tips on introducing these students to experiences in a literate world. However, it is possible to observe that most of these practices rely on sound resources to assist the verbal words to the written ones, in that case, considering that several methods privilege sound resources as a primary tool for lecturing, it is wondered how it is this process dealt when it comes for all deaf. This research aims to analyze the tools often used by educators to teach Portuguese language as L2 using Brazilian sign language as a first language. We also dialog the strategies that reinforce the identity of the deaf student, making it possible for a better development written in Portuguese relying on their first language, sign language. Bibliographical references were used in this work about deafness, with emphasis on cultural and identity elements of these subjects (following) was made an explanatory research through fieldwork to give as an example at a regular state education school at João Pessoa – PB. It was possible to observe the identification when students learned how to figure out the codes only by seeing that they understood their particularities and culture. Following this path, it was possible to identify meanings that provide better development for deaf students with Brazilian Sign Language as the base.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
2.1. A ALFABETIZAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA COMO FERRAMENTA PARA LEITURA E COMPREENSÃO DO MUNDO.....	5
2.2 TRAJETÓRIA DO SURDO RUMO A SUA PERSPECTIVA CULTURAL PRESENTE NA ATUALIDADE.....	7
2.3 ALFABETIZAÇÃO E SURDEZ.....	12
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	19
3.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	19
3.2. DO LÓCUS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	19
3.2.1 LÓCUS.....	19
3.2.2 OBSERVAÇÕES	20
3.2.3 ENTREVISTAS	20
3.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	23
4. ANÁLISE DE DADOS.....	23
4.1 A PERSPECTIVA DOCENTE SOBRE ALFABETIZAÇÃO E SURDEZ.....	23
4.2 O ESTUDANTE SURDO COMO PROTAGONISTA DE SEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE.....	36

1 INTRODUÇÃO

Há alguns anos, órgãos governamentais ligados à educação brasileira vem falando sobre propostas e resoluções que tangem a educação inclusiva para pessoas com deficiência em todo o território nacional, apesar de tentativas de retrocesso que puderam ser observadas de forma direta e indireta durante a última gestão do país, em particular no ano de 2020, a educação resistiu e absurdos por hora cogitados não se concretizaram, apesar disso, é válido salientar que determinadas mudanças ainda são necessárias para que a inclusão que rege o processo de escolarização de crianças com deficiência atue de maneira mais efetiva, fazendo com que a educação seja um objeto capaz de proporcionar a autonomia e socialização desses estudantes.

Essa pesquisa está no campo de pesquisa da educação especial e terá seu foco voltado para o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas, de modo a tentar compreender quais as etapas essenciais para a alfabetização de crianças ouvintes e dentre essas etapas o que se torna um agente facilitador ou dificultoso para a adesão do português escrito como forma de comunicação para este público alvo.

É importante destacar que essa pesquisa busca estabelecer um padrão de técnicas que possam ser comprovadamente efetivas para serem utilizadas em grande escala, assim como observamos no processo educacional de crianças sem nenhum tipo de déficit ligado a sua audição, no entanto, é necessário esclarecer que ao citarmos isto, não nos referimos a nenhum tipo de metodologia específica, pois compreende-se a individualidade do sujeito e as peculiaridades de cada um mediante a aquisição de novos saberes.

Não é difícil encontrar professores atuantes do ensino regular que trazem consigo queixas relacionadas a como se dá a prática de socialização e educação inclusiva nas escolas, é comum ouvir docentes mencionando as dificuldades enfrentadas por elas e citando barreiras que as impedem de realizar o trabalho de maneira que abranja todas as crianças presentes em sala de aula.

Apesar de compreender que o ensino superior ainda não fornece disciplinas obrigatórias o suficiente para que o pedagogo busque se aprofundar no campo da educação inclusiva e que por vezes as professoras regentes passaram pela sua etapa de formação em uma época em que o assunto ainda não era amplamente divulgado, devemos ter em mente que na atualidade, alguns discursos não cabem mais em nenhum tipo de ambiente e isso inclui a escola, considerando que esta é um dos pilares responsáveis pela organização de toda a sociedade que a cerca.

Chega a tornar-se exaustivo observar situações em que o professor acredita que o cuidador ou professor da sala de recursos é o único responsável pela educação formal e atividades destinadas ao aluno com deficiência, no caso de nossa pesquisa, muitos professores acabam também delegando ao intérprete de Libras esta responsabilidade, não tratando a criança como parte integrante da turma, um equívoco que pode causar danos a sua formação. As justificativas são variadas e uma das principais consiste no fato do professor alegar que não é possível ministrar aula para um aluno diante a barreira da comunicação e nesse caso essa questão pode tomar dois rumos diferentes.

Alguns professores, acreditam que para incluir será necessário apenas produzir atividades de maneira que o aluno compreenda - o que está correto - no entanto, para isso acabam buscando caminhos como a internet, onde existe uma grande gama de materiais mal-adaptados e que poderão acabar atrapalhando o processo mais do que propriamente ajudando, outro caso é quando o professor assimila que o intérprete está ali para assumir o papel de professor daquele aluno e não o vê como realmente deveria, um canal de comunicação, essa falta de percepção pode fazer com que o professor se dirija ao intérprete ao invés do alunos e acabe não buscando uma aproximação como o que costumeiramente acontece com a turma em geral, fazendo com que a criança não se sinta como participante da turma e nem da instituição.

Diante do exposto, enquanto concluinte do curso de pedagogia escolhi esta temática de pesquisa devido ao fato de que a inclusão precisa ser tratada como responsabilidade de todos os educadores, e essa responsabilidade deve ser oriunda da consciência de que o professor está presente para todos os estudantes independente de sua individualidade.

Assim sendo, o estudo tem como objetivo geral analisar o processo de alfabetização de pessoas surdas, compreendendo como o uso da Libras pode contribuir para esta etapa da vida escolar. Os objetivos específicos do estudo consistem em identificar as diversas etapas vivenciadas no processo de aquisição da leitura e escrita, comparar o processo do letramento de pessoas surdas e ouvintes e apontar estratégias que contribuam para o desenvolvimento da leitura/escrita do surdo.

Finalmente, situamos o leitor acerca de como este texto está estruturado. O capítulo de fundamentação teórica apresenta inicialmente elementos relacionados aos processos de aquisição de leitura e escrita para toda e qualquer pessoa, independentemente de sua condição auditiva, trazendo na sequência elementos específicos referentes à alfabetização de pessoas surdas. No capítulo metodológico detalhamos o caminho percorrido para

realização deste estudo, apresentando em seguida um capítulo abordando os resultados e as discussões construídas ao longo desse caminho, seguido das nossas considerações acerca da pesquisa.

2.1 A ALFABETIZAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA COMO FERRAMENTA PARA LEITURA E COMPREENSÃO DO MUNDO

Neste capítulo dialogamos com estudiosos da área da alfabetização, a fim de identificar as diversas etapas vivenciadas no processo de aquisição da leitura e escrita, para todo e qualquer estudante, independentemente de sua condição auditiva. Posteriormente, conversamos especificamente com os estudiosos da área da surdez procurando compreender como esse caminho se constrói no caso desses estudantes.

A alfabetização é um dos processos mais estudados na área da educação, o que já é esperado, visto que, ela implica em uma das bases para o alcance de outros conhecimentos científicos construídos na escola, no entanto, em vários países – inclusive no Brasil – as taxas de analfabetismo chegam a ser alarmantes, segundo o Instituto Brasileiro de geografia e estatística (IBGE), em 2023 cerca de 5,6% de pessoas com mais de 15 anos não sabem ler ou escrever.

Considerando a quantidade de pessoas que vivem no Brasil, essa taxa, apesar de estar em queda, ainda é bem elevada. Ciente deste fato, considera-se importante identificar quais etapas envolvem o processo da alfabetização e o que os estudos nos mostram sobre esta etapa de ensino.

Quando falamos sobre alfabetização é comum que o termo venha acompanhado da palavra letramento, alguns autores afirmam que um só existe em função do outro (Rios e Libaneo, 2009). Há ainda autores que alegam tratar-se de elementos distintos (Lima e Fabian, 2022) Em suma, a alfabetização seria o ato de dominar códigos escritos e identificar o que eles representam, enquanto o letramento assume a função de utilizar essa escrita em sua função social (Soares, 2014). Sendo assim, torna-se necessário diferenciar ambos os processos, compreendendo todavia, que os mesmos estão sempre inter-relacionados, o que permite ao alfabetizando dominar corretamente os códigos, adquirindo ainda, uma total consciência das possibilidades que a leitura e escrita lhes oferece nas atividades cotidianas.

Para Freire (2005) a alfabetização bancária não é capaz de fornecer ao indivíduo as condições necessárias para obter o verdadeiro significado de saber, o saber que caminha junto ao ser social, para ele, a alfabetização e o letramento se iniciam antes mesmo da obtenção da escrita, por aquilo que denomina de leitura de mundo. O indivíduo antes de

chegar de fato a leitura das palavras, já é capaz de ler ao seu redor, criando hipóteses e saberes mediante aquilo que pode ser observado e palpável em sua vivência, e é posterior a esse conhecimento de mundo que ele passará a ler a palavra, devido a isso, o autor defende que o ato de alfabetizar deve ser baseado na vivência do sujeito, como em seu método, onde trouxe palavras do cotidiano para alfabetizar.

Outros autores como Ferreiro (2011) também defendem essa perspectiva. Para Soares (2020, pág 41) “letramento é sobretudo, um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, e tudo que pode ser” ou seja, ao nos referirmos a alfabetização, devemos concebê-la para além de uma mera memorização de códigos. Nesse sentido, é fundamental ressaltar que não pretende-se deslegitimar a importância da obtenção dos códigos, argumento que será posteriormente explicado, mas enfatizar que a leitura e escrita devem se basear no sujeito, sendo sua cultura, um fator determinante para a compreensão do conteúdo que este tem acesso.

Se considerarmos que a alfabetização é um processo que envolve a cultura do indivíduo e sua maturidade Soares (2020), não se torna difícil supor que tal processo se dá de maneiras distintas para adultos e crianças, mesmo que possuam igual finalidade, pois o conhecimento de mundo de cada um desses sujeitos está alicerçado em suas vivências, o que não significa dizer que a criança tem menos repertório para se basear.

Partindo do princípio da aquisição dos códigos, Ferreiro (2011) aponta que um dos indicadores que podemos utilizar para entender a base da escrita da criança são as chamadas escritas espontâneas, as quais não se prendem a norma padrão, utilizando-se de formas geométricas, desenhos, dentre outros recursos que considera necessário para transmitir a informação. Essa escrita também é denominada garatuja.

Quando uma criança escreve tal como acredita que que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que acredita ser interpretado para poder ser avaliado. Essas escritas infantis têm sido consideradas, displicentemente, como garatuja, "puro jogo", o resultado de fazer "como se" soubesse escrever. Aprender a lê-las - Isto é, a interpretá-las - É um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida. (Ferreiro, 2011, pág 20)

Ainda segundo a autora, esse documento possui um imensurável valor pois cabe ao adulto que, nesse caso, se materializa geralmente através da figura do professor, interpretar o que lhe foi concedido sem discriminar a lógica utilizada pela criança, já que a mesma

atribuiu alguma para chegar àquele resultado. É comum acreditar que a criança só aprende especificamente quando ensinada nos moldes sociais que vestimos conforme o tempo, mas em todas as contribuições oferecidas por Emilia Ferreiro, é explícito que a criança nem sempre vai esperar ser ensinada para começar a aprender e ela não pede permissão para iniciar o ato, já que este vem de experiências que a cercam ao longo do dia, estando presentes em suas brincadeiras e diálogos com adultos e também entre seus pares. (Ferreiro, 2011)

Para Tfouni (2006) os códigos escritos servem para representar o concreto, seria a escrita então caracterizada como um produto cultural que representa a atividade humana sobre o mundo e é capaz de mudar a partir da forma como cada grupo social interage. Ao exemplificar como a escrita é parte do ser, a autora cita fragmentos de um livro com o rosto, orelha e cabeça comparando-os como um produto de representação da figura humana.

Contextualizando a partir de sua base histórica, a escrita data cerca de 3.500 anos AC, e desde seu advento houveram empecilhos que tornaram sua disseminação um processo lento, fatores políticos e econômicos eram determinantes para definir quem teria ou não acesso aos códigos escritos, fato que apesar de menos explícito, permanece presente em nosso cotidiano, quando pensamos por exemplo, em um trabalhador com poucas oportunidades de acesso aos códigos escritos da escola. Seus filhos, por conseguinte, possuem dificuldade para se manter nos sistemas de ensino pelos mais diversos motivos, em uma sociedade em que preço e valor estão se tornando indissociáveis. A partir das contribuições dos estudiosos citados a cima, reafirma-se a importância da alfabetização, não apenas visando a aquisição de habilidades de leitura e escrita, mas, sobretudo possibilitando a leitura e a compreensão do mundo e dos mais diversos contextos que envolvem os seres humanos, processo que não é diferente para as pessoas surdas. A seguir, trataremos da trajetória cultural desses sujeitos.

2.2 TRAJETÓRIA DO SURDO RUMO A SUA PERSPECTIVA CULTURAL PRESENTE NA ATUALIDADE

O primeiro registro localizado descrevendo pessoas com surdez data por meados do século XII e foi redigido pelos gregos e romanos, através dele obtivemos a informação de que para eles, surdos não eram considerados humanos, isso ocasionava a essas pessoas uma série de consequências ligadas exclusão social e perda de direitos, como os impedindo de ter direito

a uma herança devida e impossibilidade de casamento e etapas da escolarização. (Strobel, 2009).

Como é de conhecimento geral a linguagem é a responsável por fazer com as relações humanas existam de maneira harmônica, ela dá ao sujeito a condição de cidadão social, sabendo disso, aqueles que por hora ainda não tinham desenvolvido sistemas de linguagem e comunicação tão bem elaborados como os que vemos na atualidade, eram escanteados e marginalizados, sendo assim, privados de direitos de todo o cidadão. No caso da idade média, esse peso era visto como uma espécie de penitência, pois trazia consigo o viés religioso, acreditavam que o homem era a imagem e semelhança de Deus e por isso, aqueles que não eram "perfeitos" não mereciam ser vistos como ser humano.

Graças aos relacionamentos consanguíneos entre parentes, diversas crianças nascidas desses casais nascem surdas. Como por vezes, essas crianças eram filhas de famílias abastadas, os pais buscavam mecanismos de contornar essa característica para diminuir as consequências da sociedade vigente perante aquele sujeito. (Strobel, 2020)

Uma figura que ganhou destaque foi a do monge Bnedito Pedro Ponce de Leon, ele, contando com o auxílio de dois surdos de nacionalidade espanhola criaram o primeiro alfabeto manual do qual se tem registros.

No campo da medicina, o primeiro médico a demonstrar preocupação voltada a pessoas surdas chamava-se Gerolamo Cardano, ele afirmava com veemência de que a surdez não era motivo para considerar surdos incapacitados de receber instrução educacional, sua vida ocorreu por volta do século XVI, ele compreendeu com uma de suas pesquisas que a escrita era uma forma de representação dos sons e isso causava dificuldade para pessoas surdas pelo ato de não conseguirem ouvir aquele som para posteriormente reproduzi-lo, mas que deveria haver alguma estratégia para mediar essa situação.

Ao longo do tempo, a trajetória da comunicação de pessoas surdas foi marcada por avanços e retrocessos e podemos citar como um desses retrocessos o congresso de Milão de 1880, onde pessoas ouvintes foram responsáveis por decidir pela proibição da utilização da língua de sinais sem o apoio e direito de escolha da comunidade surda, acreditando que a oralização seria o melhor caminho para que essas pessoas se inserissem na sociedade, ignorando que essa forma de comunicação causava limitações. (Volterra, 1999)

Apesar de todos os avanços e retrocessos históricos referentes às políticas para surdos e como esses indivíduos eram vistos pela sociedade, atualmente a legislação brasileira prevê que surdos, como todas as pessoas com deficiência são cidadão dotados de direitos e deveres

e que podem e devem participar de maneira ativa em questões sociais, a legislação que trata das pessoas com deficiência é um exemplo disso e se encontra presente na lei 13.416/2015.

Dentre os direitos mencionados na lei, um deles é o direito à educação e para compreender o processo educacional das primeiras etapas até a alfabetização de crianças surdas é essencial que inicialmente tenhamos a clara compreensão acerca do que é a surdez e quais as características que indivíduos surdos possuem. Torna-se necessário também observar o seu cotidiano fora da escola para que a partir dessas observações possamos compreender seus comportamentos e atitudes dentro da instituição.

Partindo da perspectiva descrita por Quadros (1997) A surdez não é um fenômeno que acontece com todos de modo universal, existem diversas causas que podem levar o indivíduo a perda auditiva. Algumas pessoas já nascem surdas, enquanto outras adquirem a surdez devido a intercurtos ao longo da vida que desencadeiam essa situação. Para aqueles que nascem surdos, nomeamos de surdez congênita, nesses casos, é considerado que a surdez está presente de maneira pré-lingual, já que o sujeito nunca possuiu contato com a língua oral, o outro caso é denominado de adquirido, onde a pessoa nasce com o sentido da audição e a perde ao longo da vida, nesse caso ele pode ocupar tanto o lugar do pré-lingual quanto o do lingual, isso vai depender da idade em que tinha quando começou a apresentar perda auditiva, ou seja, se foi antes ou depois de adquirir a língua falada.

Segundo Carmonize e Noronha (2012) apresentar perda auditiva não consiste em ouvir sons de maneira mais baixa, essa crença está equivocada e não compreende o verdadeiro significado desta perda, na verdade, quando falamos de perda auditiva esta se refere a perda do reconhecimento de determinados sons e até mesmo tons que apresentem uma frequência diferenciada pois, outro aspecto a se destacar é que a audição não é linear.

Ainda segundo as autoras, o termo deficiente é veementemente rejeitado por um grupo de integrantes da comunidade surda que não vêem a surdez com base na perspectiva clínica, ou seja a partir de um déficit, mas sim, apenas como uma característica comum, que está intrínseca em sua vida. Nessa perspectiva estes observam-se como detentores de uma língua diferenciada dentro de seu país.

É defendida a ideia de que é essencial que o surdo tenha contato com a Libras o mais cedo possível, para que ao se apropriar da língua consiga vivenciar todas as etapas de seu processo de socialização assim como qualquer outra criança de sua mesma faixa-etária.

Por se considerarem membros de um grupo que possui uma minoridade linguística, argumenta-se que pessoas surdas devem se comunicar entre si como forma de aprendizado.

Esses aprendizados são substanciais pois o surdo não se difere do ouvinte apenas pela presença ou ausência do sentido da audição, na realidade, as diferenças permeiam padrões socioculturais presentes em cada cultura, por exemplo, enquanto na cultura ouvinte exploramos o que consideramos essencial de cada sentido, na cultura surda o campo visual é uma das ferramentas fundamentais para a compreensão de mundo do sujeito (Carmonize e Noronha, 2012). É devido a esses e outros fatores que pessoas surdas buscam ser observados socialmente pela perspectiva psicossocial, dissociando sua imagem da visão clínica que permeia ainda boa parte de nossa sociedade.

Em relação ao ingresso na escola, é importante afirmar que, quando um estudante surdo chega a esta etapa, o professor tem o dever de orientar os pais e junto a eles montar estratégias e alternativas a fim desenvolver as habilidades de cada aluno.

De acordo com Lacerda (1998) Para a educação de alunos surdos são nomeados três como os principais métodos implantados na história da educação dessas crianças, em vigor até os dias atuais sendo eles o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Segundo Quadro (1997), o oralismo consiste em uma prática a partir da qual pessoas surdas reproduzem sons mesmo não podendo ouvi-lo, algumas das técnicas usadas para este fim são, por exemplo, aquelas que utilizam de vibrações. Assim, o surdo sente as vibrações através dos dedos na garganta da pessoa responsável por lhe ensinar e ao longo do tempo deve reproduzi-las para que emita os sons da fala.

Apesar de encontrar lugares onde o oralismo é uma prática defendida até hoje, existem duras críticas fortemente advindas das comunidades surdas - com relação à imposição deste método. Alguns profissionais defendem que como pessoa humana, o surdo seria capaz de compreender com facilidade e de forma natural a língua falada em seu país, o que é reportado por outros que alegam que o processo de aquisição da verbalização oral jamais ocorreria da mesma maneira para estudantes surdos e para ouvintes, pois, enquanto para estudantes surdos é exigido todo um processo de repetições a fim de que tenham a expectativa de algo semelhante a fala, ouvintes a adquirem de maneira natural em seu cotidiano e se desenvolvem a partir de sua funcionalidade.

Dentro do oralismo cita-se também a leitura orofacial, conhecida por muitos na atualidade como leitura labial, onde o surdo observa o movimento dos lábios para tentar identificar a informação que vem sendo passada para ele, este método apesar de usado com determinada frequência, não é o ideal, visto que mesmo contando com prática e boa habilidade, é estimado que o surdo só consiga entender com clareza 50% da informação

repassada e seja necessário a interpretação e imaginação para compreensão de todo o contexto do assunto abordado.

O método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência lingüística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se como um membro produtivo ao mundo dos ouvintes. Além disso, de modo coerente, o método oralista colocava uma grande ênfase na aquisição da oralização como fundamento para a aquisição da leitura e escrita alfabéticas. Ainda assim, apesar das intenções de integração, não se pode dizer que o método oralista tenha tido sucesso em atingir seus objetivos, quer em termos de desenvolvimento da fala, quer da leitura e escrita. (Capovilla C., Capovilla S., 2002, pág. 130)

A comunicação total por sua vez, acredita que a maneira ideal de desenvolvimento de pessoas surdas seja através do que alguns estudiosos denominam de bimodal, nela existe uma mistura da língua de sinais com o português como forma de se utilizar de todas as ferramentas conhecidas para que o indivíduo se comunique e interaja socialmente, no entanto, apesar de concordar que tanto a Libras quanto o português são modalidades únicas e complexas, ambas não devem se misturar de maneira desordenada pois isso pode causar confusões facilmente solucionadas de outras formas.

Advoga o uso de todos os meios que possam facilitar a comunicação, desde a fala sinalizada, passando por uma série de sistemas artificiais até os sinais.<...> A comunicação total advoga o uso de um ou mais desses sistemas juntamente com a língua falada, com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. É mais uma filosofia que se opõe ao oralismo estrito do que propriamente um método. (Capovilla C., Capovilla S., 2002, pág. 132)

Nesta modalidade defende-se inclusive, a implementação do português sinalizado em algumas escolas. Diferente dos que muitos pensam, o português sinalizado não acontece apenas quando usamos a datilologia como recurso, o português sinalizado na verdade, é uma forma de transmitir informações usando os sinais da Libras de maneira literal, o que funciona para quem conhece a oralidade mas falha quando seu público são as pessoas surdas.

Esse equívoco acontece pois o campo de aprendizagem de pessoas surdas e ouvintes não é o mesmo, enquanto os ouvintes utilizam muito do sons, a perspectiva surda se baseia fortemente no aspecto visual, para criar os mecanismos usados para seu conhecimentos

escolares ou não. Dessa forma, algumas informações que fazem sentido no português precisam sofrer alterações para manter seu significado na Libras, ou seja, o português sinalizado é inegavelmente mais fácil de aprender para ouvintes mas não cumpre com o seu papel principal, ser uma ferramenta efetiva para pessoas da comunidade surda.

A terceira etapa citada no material consiste no bilinguismo, devemos ficar atentos para não confundir o bilinguismo e o bimodal, pois, o bilinguismo reconhece e mantém de maneira assídua que a primeira língua do surdo deve ser a língua de sinais, já que esta é adquirida por ele de maneira natural a partir do convívio com outros integrantes da comunidade surda.

Nessa modalidade, podemos observar a busca da autonomia de pessoas surdas respeitando a sua língua oficial e posteriormente introduzindo essas pessoas as modalidades gramaticais e escritas do português, para que sua utilização seja feita em ambientes educacionais. Segundo o bilinguismo a Libras é uma ferramenta essencial para a obtenção da leitura e escrita em português de crianças e adultos surdos e este inclusive é o mais respeitado e defendido por toda a comunidade surda pois reconhece sua língua como melhor opção para si.

Respeitando os interesses da comunidade, que defende a Libras como sua língua, o próximo tópico será responsável por dialogar com autores que apresentam meios e estratégias de como alfabetizar pessoas e mais especificamente, crianças surdas, tomando como base a língua de sinais para que o indivíduo mergulhado em sua língua seja capaz de adquirir a língua portuguesa como L2.

2.3 ALFABETIZAÇÃO E SURDEZ

Diferente do campo inicial de pesquisa, quando voltamos há muitos anos atrás, podemos afirmar que a educação de estudantes com deficiência vem sendo uma preocupação desde a escola moderna. Segundo Lacerda (2006) todos os alunos devem frequentar a escola em sua modalidade regular, independente de apresentar diferenças esperadas como origem social, de onde adveio, sua sua etnia ou sua origem linguística. Atualmente, se tem consciência que o processo educacional de todas as pessoas englobam aspectos que ultrapassam os limites territoriais da escola e com as pessoas com deficiência isso não seria diferente.

No entanto, Guarinello (2018) afirma que há uma distância entre o movimento de inclusão e a realidade presente nas escolas brasileiras pois, o surdo costumava ser desacreditado no que se refere ao aprendizado escolar.

O conhecimento repassado na escola depende de alguns processos que limitam o que consideram historicamente relevante, e a partir daí, passam a gerenciar maneiras dos alunos compreenderem este conteúdo. De acordo com (Soares, 2012) Para pessoas com deficiência é primordial que o ambiente escolar disponha de uma série de recursos que atuem como agentes "compensadores" de sua ausência, um exemplo citado de imediato é a deficiência visual e como seria possível superar os obstáculos que essa pessoa enfrentaria para o aprendizado.

O diálogo referente às instituições de ensino é complexo, em seus textos Soares e Carvalho (2012) apresentam ferramentas para que o professor compreenda como agir em uma situações onde seu aluno com deficiência irá necessitar de um apoio em específico e não observe esse tipo de situação como algo limitante e sim mais uma individualidade que compreende o cotidiano de toda a sua turma.

Para Souza (2016) levando em consideração as leis brasileiras que se referem a educação em todo o território nacional, é citado que o ambiente escolar tem o dever de se consolidar como um espaço de ensino democrático e com isso, deve promover o que menciona como democracia do saber sem realizar nenhum tipo de discriminação independente de questões raciais, culturais, econômicas, de condições físicas ou religiosas.

Com base no citado, podemos prosseguir afirmando que, para que haja uma similaridade na qualidade educacional oferecida para todos os alunos é necessário tratar as peculiaridades de cada um deles, de modo que ela se torne apenas uma característica e deixe de ser vista como uma limitação. Uma das estratégias empregadas na atualidade para auxiliar em todo esse processo está no acesso a uma sala de recursos, onde se realiza aquilo que conhecemos na atualidade como Atendimento Educacional Especializado – AEE.

A importância do atendimento educacional especializado se dá na sua obrigatoriedade de ofertar a este estudante, o ensino da Libras e seu uso para o desenvolvimento de atividades que serão executadas em sala de aula do ensino regular. Novamente, é preciso informar que a sala de recursos e esse atendimento deve funcionar como complemento a toda esta educação, não podendo ser ofertada como um substituto da sala de aula regular na vida dessas crianças. Neste ambiente, deve ocorrer o repasse dos conteúdos em Libras dos assuntos trabalhados em sala de aula.

Algumas etapas a serem seguidas pelo professor de AEE para alunos surdos são o ensino da Libras, o ensino do português para o desenvolvimento das atividades escolares em sala e conceitos gramaticais. A ausência de profissionais especializados em Libras na sala de recursos é uma das barreiras dificultadoras do aprendizado dessas crianças e

adolescentes, destacamos que tais barreiras são o verdadeiro impeditivo ou dificultador do aprendizado, visto que, a deficiência em si não é um problema e sim a falta de recursos materiais e humanos que possibilitam o desenvolvimento integral do sujeito.

Compreendendo isso, voltamos a falar sobre o cerne desta pesquisa, a alfabetização de alunos surdos em português e em específico, tratando-se de crianças surdas. Para Almeida (2017) um dos principais obstáculos encontrados na alfabetização efetiva do aluno com surdez está no despreparo de boa parte dos docentes, muito dele advindo da falta de fundamentação nos tópicos de alfabetização e letramento durante sua formação inicial. Nesse caso, é necessário não esquecer do que foi informado anteriormente, de que o surdo e o ouvinte tem formas distintas de aprender baseadas em suas experiências. Nesse caso, acaba não sendo o mais adequado exigir que ambos internalizem conhecimento da mesma maneira.

Historicamente falando, em 1970 foram desenvolvidas pesquisas que buscavam compreender o motivo pelo qual os surdos não se desenvolviam gramaticalmente tão bem quanto os ouvintes, os responsáveis pela pesquisa foram pesquisadores do Centro de comunicação total de Copenhage (Capovilla C. Capovilla S., 2002). Nessa época, já compreendendo que o oralismo limitava a comunicação de pessoas surdas, passou-se a aderir a comunicação total como forma mais completa para fornecer educação para alunos com surdez, e apesar dos resultados terem melhora desde a época em que a fala era o único recurso, ainda era notório um forte déficit e por hora, não haviam compreendido quais as causas para que isto ocorresse.

O objetivo da pesquisa então, consistia em analisar as aulas e tentar observar o que as tornava difíceis para o desenvolvimento dos alunos e para isso realizaram um teste prático com as professoras da turma através da documentação e registros em vídeos das aulas lecionadas. Após as filmagens, foi retirado o áudio e colocado o vídeo para que as professoras pudessem visualizar e dizer o que elas estavam ensinando e para a surpresa dos presentes, elas não sabiam dizer sem que escutassem. O resultado da pesquisa foi que, ao tentar misturar a língua de sinais, com os gestos, mímicas e outros recursos defendidos pela comunicação total, acabavam ignorando algumas sentenças e sinais que eram imprescindíveis para a interpretação daquilo que queriam repassar. Ou seja, acreditava-se que os alunos estavam se tornando bilíngues, quando na realidade, eles não estavam sendo integralmente fluentes em nenhuma das duas línguas.

No ano de 1990, foi descrito uma forma de se conectar com esses alunos através de um programa, isto ocorreu na Dinamarca e a pesquisa consistiu em acompanhar o desenvolvimento de nove crianças surdas a partir da perspectiva do bilinguismo, onde a principal fonte seria com base na língua de sinais. O programa se dividia em etapas que buscavam desenvolver totalmente as habilidades necessárias para que cada passo fosse linear e conectado com o anterior.

Segundo Hansen (1990) a primeira etapa consistia em o aluno aprender a língua de sinais e a se comunicar fluentemente através dela, passo que duraria por volta de um ano, na segunda etapa, era preciso que os alunos já fossem capazes de repassar informações literárias como contação de histórias e outros, mas inicialmente foi feito com que eles vivenciassem a experiência de se basear em sua realidade, então, as histórias contadas podiam ser aquelas de seu cotidiano, a exemplo de como tinham sido as suas férias. Posteriormente, a língua dinamarquesa vinha sendo apresentada como língua estrangeira e para conseguir dominá-la os alunos tinham que utilizar recursos como textos escritos, língua de sinais, exercícios de articulação, leitura labial, soletração digital, correção da fala e tudo aquilo que considerassem eficaz para o desenvolvimento da língua escrita formal.

É válido salientar que, se tomarmos como base o bilinguismo, devemos compreender que para o desenvolvimento da criança – tanto o linguístico quanto o cognitivo – é necessário que a criança esteja totalmente familiarizada com a língua de sinais, tendo sido desde muito jovem inserida na comunidade surda para alcançar o máximo de seu desempenho nas idades esperadas.

Como aquilo que o sistema de escrita alfabético faz é mapear as propriedades fonológicas da fala, as propriedades formais da fala interna ajustam-se às da escrita alfabética. Logo, recorrer à fala interna é eficaz em facilitar os desempenhos de leitura e escrita. Por outro lado, as propriedades formais (visuais e proprioceptivas) da sinalização interna não se ajustam às da escrita alfabética, e recorrer a elas é de muito menor valia. Consequentemente, a criança surda tende a cometer mais erros que a ouvinte. Seus erros não têm apenas uma frequência maior como também uma natureza bastante distinta: Não são fonológicos, mas visuais. Na escrita comete paragrafias literais com trocas de ordem das letras e troca entre letras visualmente semelhantes. Comete também paralexias e paragrafias semânticas, com troca de palavras. A presença de tais erros em ouvintes seria considerada grave indício de distúrbio fonológico, já que revela uma tentativa de fazer uso exclusivo do processamento visual. Na surda, no

entanto, tais erros são perfeitamente esperados. (Capovilla, C, Capovilla S, 2002, pág. 144)

Esses erros não significam necessariamente que o surdo não compreende a informação que quer repassar através da escrita e sim que ele costumeiramente tomará como base a grafia e normas gramaticais utilizadas na língua de sinais e nela não encontramos artigos que antecedem determinados termos, por exemplo.

Sabendo que as línguas de sinais são bem específicas, como poderiam elas demonstrarem fielmente aquilo que o surdo quer representar se o auxílio do idioma escrito do local onde esse indivíduo habita não é sua primeira língua? Seria possível a existência de tal recurso? A resposta positiva veio através do método de escrita criado por SingWriting, uma estudiosa da dança que documentou passos através de sua representação por meio de desenhos e popularizou um sistema onde era possível documentar movimentos do corpo a fim de gerar comunicação para reprodução dos passos de dança. (Pereira e Fronza, 2006). Na atualidade, essa forma de escrita é empregada pelo mundo como forma de desempenhar a escrita através da língua de sinais, chamada de escrita de sinais, onde o sinal é representado através da imagem no papel.

Apesar desse método ser uma excelente maneira de introduzir o surdo ao mundo letrado, infelizmente ele ainda não atinge o grande público, fazendo com que a norma gramatical desenvolvida para si, ainda não seja de domínio das maiores camadas da população, assim, não é toda pessoa que utiliza da língua de sinais que é capaz de compreender a escrita de sinais, pois não foi letrado para decodificá-la e assim realizar sua interpretação, tendo essa compreensão, é necessário pensar em estratégias que façam com que o surdo passe a dominar a leitura e a escrita em português, compreendendo essa modalidade como L2, ou seja, uma segunda língua.

Segundo Fabian e Lima (2021) quando observamos mais atentamente as pessoas surdas, é possível notar que elas têm, para além de uma língua própria, um modo de vida e códigos diferentes, tem regras de convivência específicas de cada grupo, além de outras características que estão intrínsecas a sua cultura. De acordo com Thoma (2006) a cultura está relacionada aos significados atribuídos no campo social, ela é capaz de produzir subjetividades fazendo com que, se apresente através de formas de ser. Com base nessa afirmação, é necessário salientar que como indivíduo mergulhado em cultura própria, o surdo precisa estar em contato com pares que compreendam suas especificidades para apresentar um desenvolvimento significativo nos mais diversos campos de sua vida.

Agora que sabemos que cultura consiste em um dos principais pilares da vida, pois ela está diretamente relacionada com as experiências do sujeito, precisamos compreender o que mais é importante para efetivar o processo de alfabetização de surdos. Como dito por Klein e Krause (2017) o período de alfabetização é significativo e pode se considerar até mesmo decisivo para a vida acadêmica dos alunos, deve ter objetivos que ultrapassem a visão de uma escrita mecânica meramente reprodutora, para que essas pessoas não se reduzem apenas a copistas.

Segundo Quadros e Schmiedt (2006) o posicionamento da sala de aula é uma fato que pode influenciar positiva ou negativamente no desempenho do estudante, apesar de parecer um detalhe simples, o local onde o aluno se encontra deve proporcionar a ele a mesma interação com todos os presentes em sala, como qualquer outra criança da turma, para isso, o ideal seria que a sala fosse posicionada e um semicírculo, onde assim, o aluno poderia ter a visão de seu professor, intérprete e colegas de maneira efetiva, diferente do posicionamento tradicional, onde sua visão seria direcionada apenas para aquilo que estivesse à sua frente.

Ainda segundo os autores, para reforçar a importância da experiência pessoal é mencionado como recurso a ser explorado o relato de histórias, onde a criança poderia realizar uma produção espontânea que seguirá um tópico de sua realidade e também podendo trabalhar com conto e histórias infantis, recurso popularmente conhecido como uma das estratégias para trazer o aluno através da afetividade e forma de criar laços e interesses com o mundo letrado.

De acordo com Souza (2016) é dever da escola inserir todos os seus alunos no que chamamos de mundo letrado, mas não realizando isso de qualquer maneira, e sim, proporcionando formas de se adquirir prazer pela leitura, mostrando que ela pode se caracterizar como um cenário de interação que proporciona uma espécie de ligação entre o mundo real e o imaginário infantil, pois dessa maneira, o lúdico será um fator presente durante toda a dinâmica de leitura.

Sabemos que o professor tem uma grande responsabilidade e seu papel é imprescindível para o sucesso de todo o processo, como afirma Almeida (2017) o papel do professor deve extrapolar a ideia de que sua função consiste apenas em informar e repassar conceitos, para crianças surdas, este docente deve estar preparado para iniciar um novo modo de educar e essa forma deve proporcionar mudanças com sua postura mediante aos conteúdos disciplinares e seus estudantes.

Conforme dito por Klein e Krause (2017) grande parte dos processos de alfabetização utilizam métodos que tem como base a reprodução da língua oral, como por exemplo o som de cada letra, os fonemas e a associação destes com a grafia para dar significado a escrita alfabética, no caso específico do surdo, ele tem como forma de comunicação a língua de sinais, ela é a ferramenta usada por eles para compreender o mundo em que vivem e não contando com o sentido da audição, passam a ter como sentido norteador a visão.

A visão e os sinais são recursos constituintes de uma língua diferente da falada oralmente, pois nela o som não possui relevância, não funcionando como estratégia para alfabetizar crianças surdas.

Como muitas crianças surdas são filhas de pais ouvintes Quadros e Schmiedt (2006) a escola por vezes é o primeiro local onde aquela criança entrará em contato com a língua de sinais e é lá onde ela vai adquirir sua primeira língua. Através dessa língua ela atribuirá significados para as coisas em sua volta e esse processo significados está associado a escrita posterior que pode consistir tanto na escrita de sinais quanto no português.

A partir das afirmações de Vigotsky (1983) a datilologia feita através do alfabeto manual presente na língua de sinais, possibilita a substituição dos sons por símbolos visuais através da posição das mãos e compõe no ar uma escrita espacial onde os surdos podem ler com os olhos, essa informação é extremamente válida apesar de no documento ele se referir a esses indivíduos como surdo-mudos, termo não mais utilizado para se referir a pessoas pertencentes a comunidade surda.

Para Klein e Krause (2017) sem a língua de sinais o surdo limita-se apenas a copiar o movimento dos lábios sem associar significado, ou seja, sem atribuir o devido valor à comunicação, o que a torna vaga. Não podemos associar a comunicação apenas a sons e palavras e sim como forma de interagir e aprender diante do nosso grupo social. É graças a comunicação que nos reunimos em comunidade e fomos capazes de criar ideias, ideais e conceitos que nos uniram em sociedade, pois através dela somos capazes de aprender e principalmente, ensinar a outros sujeitos aquele conhecimento já internalizado por nós.

Como estratégia, os autores ainda citam uma forma de ensinar que consiste em utilizar conjuntamente a imagem, o sinal em libras e o alfabeto manual. Essa estratégia busca fazer com que haja uma clara associação de significados que liga a imagem ao sinal e ambos a palavra, a imagem funciona como recurso representante do objeto material concreto, o sinal seria o representante da palavra falada e a datilologia seria a forma de escrita seguindo uma ponte entre o português e a Libras, é importante ressaltar que a datilologia apesar de

fazer parte da Libras não se caracteriza puramente como ela, pois sua base ortográfica se baseia em conceitos da língua portuguesa, enquanto a Libras é independente mesmo estando no Brasil, ela possui gramática e regras próprias.

Após apresentarmos o que os autores afirmam com relação a Libras, a alfabetização e como esses dois devem estar associados e intrínsecos para um bom desenvolvimento do aluno surdo, daremos prosseguimento a esta pesquisa mencionando quais metodologias serão empregadas para continuar buscando soluções para o desenvolvimento integral com relação à leitura e escrita de crianças surdas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo explicita quais recursos e estratégias foram utilizados para a obtenção dos dados que embasaram a pesquisa. Para tanto, serão abordadas questões que envolvem a natureza do estudo, os instrumentos e procedimentos para a coleta de dados, bem como, os processos de tratamento e análise das informações coletadas.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Essa pesquisa se caracteriza como exploratória e de campo. O ponto de partida se deu através de uma revisão bibliográfica com ênfase nos principais conceitos e elementos que envolvem a cultura surda. Os quais foram apresentados nos capítulos anteriores. De acordo com (Filho, 2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade qual se pretende investigar com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”

O caráter exploratório da pesquisa deve-se ao fato de que a mesma busca investigar o contexto dos sujeitos do estudo e como suas vivências influenciam na temática abordada, isso aliado a pesquisa de campo que se caracteriza através da presença do pesquisador no local.

Para Deniz e Linch (2006) a importância da pesquisa qualitativa encontra-se no fato do pesquisador acabar aliando a sua percepção com a sua interpretação da realidade observada. Ademais, ressaltamos que esse trabalho se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa por entendermos que este tipo de investigação permite maior aproximação do pesquisador na comunidade.

3.2. DO LÓCUS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.2.1 LÓCUS

Para identificar aspectos referentes à alfabetização de pessoas surdas foi escolhida uma instituição estadual que é considerada uma referência na área, já que possui turmas voltadas especificamente a essa finalidade.

Caracterizando mais especificamente, o local de observação consiste em uma turma multisseriada que conta com alunos surdos de oito a mais de quarenta anos e que possuem objetivos similares, alguns – sua grande maioria – buscando aprender a ler e escrever e outros que já sabem, se aprofundando na escrita em língua portuguesa, a diversidade dos alunos ocorre em questão de idade, gênero e etapa do conhecimento em que se encontram na Libras, elemento que para nós foi um fator interessante, para nos auxiliar a obter dados comparativos em relação ao desenvolvimento deles com base em sua realidade e nos estímulos que foram oferecidos ao longo de suas vidas.

3.2.2 OBSERVAÇÕES

As observações de campo foram despertadas através de nossas vivências no estágio obrigatório em educação Especial, onde nos foi dada a oportunidade de escolher em qual deficiência ou sala gostaríamos de nos aprofundar. Levando em conta a temática escolhida para este TCC solicitamos a presença na sala de surdez, pedido que foi prontamente atendido, além disso a fim de proporcionar um maior contato com o público presente, nos foi autorizado um número de visitas superior ao previsto na disciplina, sendo seis no total.

Como forma de coletar informações para o relato de experiência foi criado um caderno de campo no formato digital. Neste caderno foram relatadas com riqueza de detalhes as ações realizadas em cada dia de observação, contando com datas e o tempo empregado nas ações.

O caderno de campo, associado à atividade reflexiva, possibilita ao docente uma observação mais profunda dos acontecimentos de sua prática, sendo, desta forma, muito valorizado na formação de futuros professores, contribuindo para o desenvolvimento e reestruturação de

crenças e teorias implícitas, bem como, para o estabelecimento de hipóteses de intervenção (Barbosa et al, 2017, pág 1)

O caderno funcionou como ferramenta para expressar o que sentia durante todo o processo, não se prendendo apenas a função de agenda e contando com a ótica pessoal da pesquisadora através da leitura do ambiente, das relações interpessoais entre professor-aluno e aluno-aluno.

3.2.3 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com duas professoras, sendo uma ouvinte e uma surda, ambas fluentes em Libras, formadas em Letras Libras e formação de intérprete, além de uma aluna surda que se encontra em processo de aquisição da leitura e escrita na L2. As professoras têm experiência no campo de alfabetização de pessoas surdas tanto com adultos quanto com crianças.

O roteiro de entrevista foi organizado de maneira sistematizada para que as pessoas entrevistadas falassem a partir de suas vivenciais, o que tornou esta etapa ainda mais enriquecedora se considerarmos que as características pessoais revelam a identidade do sujeito, no caso das professoras entrevistadas este aspecto foi bem marcante, já que foi possível identificar perspectivas distintas entre a professora ouvinte e a docente surda.

É importante, durante uma entrevista, que o entrevistador inicie suas perguntas de maneira ampla, não directiva e que conduza as falas dos entrevistados, procurando pedir esclarecimentos ao que não foi compreendido e detalhes concretos aos exemplos dados. Ao fazer uma pergunta em aberto – não presumindo determinada resposta – o pesquisador estabelece um território a ser explorado, permitindo que o participante a tome da maneira que desejar. Por outro lado, não deve perder de vista a finalidade e o foco da entrevista, pré-ajustando e redirecionando a conversa quando achar necessário. (Miguel, 2010, pág 7)

Esse caminho metodológico foi escolhido por aparentar se encaixar melhor no viés da pesquisa, para dar continuidade, na próxima seção serão apresentados os dados coletados com a realização da presente pesquisa.

Buscando preservar a identidade das entrevistadas, ao longo deste texto elas serão mencionadas da seguinte forma: PO para professora ouvinte, PS para a professora surda,

não havendo necessidade de nomes fictícios para a estudante, que é a única entrevistada. É importante destacar que como a entrevista com a aluna ocorreu em Libras, as respostas tratam-se da tradução da pesquisadora das respostas dadas durante a entrevista.

3.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Para realizarmos uma análise mais aprofundada, juntamos os dados anotados no caderno de campo às entrevistas transcritas no caso da professora ouvinte e manuscritas no caso das entrevistadas surdas, o que foi possível devido ao domínio da pesquisadora em relação a Libras.

Os relatos das entrevistadas serão citados ao longo do próximo capítulo em um diálogo com os estudos trazidos por autores da área da surdez. Para uma melhor organização deste processo, foram escolhidas duas categorias de análise, sendo a primeira relacionada às perspectivas docentes acerca da alfabetização e a de surdez e a segunda envolvendo o estudante surdo como protagonista de seu processo de alfabetização.

A partir dessas reflexões, busca-se construir um caminho que viabilize a junção de teoria e prática como importantes ferramentas de investigação sobre o tema em questão.

4. ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo traz uma análise construída a partir dos dados obtidos durante a execução desta pesquisa e será dividido em duas etapas. A primeira, busca tratar da perspectiva das professoras sobre as estratégias empregadas por elas e os desafios encontrados nesse campo específico da docência, a segunda etapa abordará a perspectiva do estudante surdo como agente atuante de seu próprio processo educacional, apresentando ainda a experiência individual acerca de sua participação na educação formal.

4.1 A PERSPECTIVA DOCENTE SOBRE ALFABETIZAÇÃO E SURDEZ

Sabendo que devido ao número de alunos surdos matriculados em escolas de ensino regular ser pequeno, a ideia de receber esse tipo de aluno é uma experiência atípica mas que pode ocorrer na vida de qualquer professor, a presença do aluno surdo em sala de aula faz com que o professor regente assuma a necessidade de administrar novas formas de ensino, com o intuito de possibilitar a inclusão daquele estudante como todos os alunos da turma independente de suas especialidades.

Apesar de compreender que a adaptação de metodologias auxilia no aprendizado, quando observamos a realidade, é possível notar que diversos profissionais da educação que trabalham com surdos, não são fluentes em língua de sinais, fato que explicitamente dificulta a trajetória estudante durante seu processo de aquisição de novos saberes, principalmente quando nos referimos a educação básica que consiste em um dos pilares de maior importância para o desenvolvimento potencial do estudante nas próximas etapas de escolarização.

O docente que não identifica as peculiaridades dos alunos e as potencialidades deles não apresenta um currículo flexível à necessidade dos educandos. Pensando em uma Educação Inclusiva, o professor capacitado atua na diversidade, entende as diferenças e enxerga as potencialidades dos alunos; assim, junto a eles, constrói o conhecimento na sala de aula (Baiense, Machado e Silva, 2023, pág 3)

Como forma de conhecer a formação das profissionais entrevistadas foram realizadas indagações sobre sua vida acadêmica e experiência com relação a surdez em sala de aula .

Sou formada em Letras Libras e também em Pedagogia, trabalho como professora desde muito nova, comecei em 1985 e desde o meu primeiro ano de formação trabalho com estudantes surdos. (PO, entrevista, 2023)

Tenho formação em Pedagogia, Letras Libras, Magistério, Especialização em educação Inclusiva, formação de intérprete e tradutora. Sou bastante atuante nesse aspecto. (PS, entrevista, 2023)

A partir das respostas acima, é possível observar que o currículo das docentes é diferenciado da grande maioria dos professores atuantes na rede regular de ensino de todo país, pois ambas possuem uma formação que possibilita a comunicação direta com seus alunos surdos, fato importante para a criação de vínculo entre professor-aluno durante o processo de ensino-aprendizagem.

A afetividade desperta a confiança do aluno para com o seu professor. Neste sentido, constata-se que a afetividade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois, todo o processo do desenvolvimento humano passa pelo aspecto social juntamente com a cognição [...]. (KOSLOSKI e ANSAI, 2008, p.11)

As indagações posteriores envolveram a temática da alfabetização de surdos e também os desafios encontrados durante essa etapa.

A alfabetização da pessoa surda tem que ser em Libras, ele tem que aprender em Libras porque essa é uma maneira de expressar o pensamento. Que é a primeira língua, a língua nativa, a número zero. Depois que ele sabe Libras, que ele entende que é surdo, aí a gente vai para a segunda língua que vai ser o português na modalidade escrita. (PO, entrevista, 2023)

Eu faço a etapa de alfabetização toda em Libras e usando aspectos voltados para o campo de experiência visual. <...> A imagem é um recurso essencial, é com ele que o aluno vê o símbolo e associa ele ao sinal, conhecendo o sinal aí partimos para o alfabeto manual e quando ele já tiver domínio sobre esse, passamos para a escrita em português. (PS, entrevista, 2023)

Como visto no relatos, é consenso entre as professora de que a Libras deve ser a base para iniciar o processo de alfabetização do estudante surdo, pois como abordado no referencial teórico, ela é a língua que pode ser obtida por ele de maneira natural, através da convivência e participação em seu grupo social.

Com relação aos desafios, as docentes apresentaram novamente concordância a respeito de alguns deles

Eu diria que é a família, para todos nós essa primeira base é a família, a primeira instituição da gente é essa, então se acaso a pessoa tem uma relação com um surdo ele desenvolve igual a gente, ele aprende igual a gente, porque aprendemos na imersão, mas aí com o surdo o que é que acontece, a pessoa não entende ainda que essa pessoa não escuta, e nisso a gente perde assim uma boa fase de aquisição de 0 a 6 anos, nessa fase a pessoa aprende por volta de 3000 palavras que a gente já fala. A pessoa surda de um lar ouvinte sofre nesse sentido, aí quando chega na escola, por volta dos seis anos, e a família ainda não entendeu que a criança é surda e nem a criança sabe que é surda – porque o surdo não nasce sabendo que é surdo – ele vê o movimento de boca e é quando nós chegamos e percebemos que ele é surdo. (PO, entrevista, 2023)

Minha maior dificuldade se encontra no fato de observar que meus alunos são excelentes copistas, possuem letras muito bonitas e nunca apresentaram dificuldade de retirar qualquer informação que estivesse escrita no quadro, mas

na hora de associar a palavra ao sinal é como se houvesse uma barreira que dificultasse o entendimento de que aqueles dois símbolos significavam a mesma coisa, e muitos, por já saberem copiar, acabam acreditando que já sabem escrever, o que não é verdade. (PS, entrevista, 2023)

A partir das respostas obtidas foi possível notar que, para além da escola, o problema envolve questões ainda mais delicadas, pois enquanto alunos ouvintes adentram a instituição escolar em avanço de seu processo de aquisição da linguagem, o surdo filho de pais ouvintes ainda não tem conhecimento de sua própria identidade, essa busca pela identidade e aquisição de sua língua natural faz com que ele e seus colegas - ainda que da mesma idade - experienciem esse momento de maneira distinta. Para (Felipe, 1997) um dos maiores erros da escola se dá quando eles não percebem que o currículo foi pensado integralmente para a criança ouvinte, e as atividades encaminhadas para os alunos surdos e ouvintes são iguais, ignorando que as crianças surdas não adquiriram aquela língua naturalmente, então é necessário que haja adaptações para que ela seja capaz de compreender o que está sendo passado, principalmente na etapa da aquisição de leitura e escrita do português como L2

Nota-se uma dificuldade de compreensão do professor que está tendo esse contato pela primeira vez e como ele não consegue compreender que caminho seguir para realizar aquele processo.

Ter um profissional surdo ou com capacitação profissional entre os demais professores na escola é de suma importância no processo de inclusão e aquisição da língua pelos surdos, no planejamento de atividades enfatizando o respeito às condições peculiares dos surdos do acesso ao mundo pela visão (Gonçalves e Festa, 2013, pág 4)

Em outras palavras, é de extrema importância que o professor compreenda as necessidades específicas de seu aluno, para que não queira pressioná-lo erroneamente a se encaixar em uma metodologia incompatível com suas características principais, e que vão de encontro a estratégias efetivas que poderiam levar o estudante a seu desempenho máximo, ao invés de tentar normatizar satisfazendo-se com o mínimo que aquele estudante tem a oferecer.

Por fim, a última pergunta destinada às professoras foi com relação às diferenças visualizadas por ambas entre o aprendizado da leitura e escrita de adultos e crianças surdas.

A diferença é assim, para a criança, ela chega na escola por volta dos seis anos, chegou na escola e se esse espaço daqui ele é favorável né, então é aquela história de você digamos assim, passar essa realidade para ela e você começar a mostrar o que tem perto dela mostrando o sinal, de cadeira, mesa, janela. Ela vai começando a perceber essa coisa do sinal e das coisas, já para um adulto já é diferente, já estava à margem desse ambiente, chegou na escola, eu vou procurar ver alguma coisa que ele goste muito, porque a partir desse foco dele do interesse eu vou produzir o conhecimento relacionando as coisas que ele faz. (PO, entrevista, 2023)

A maior diferença é que geralmente a criança está adquirindo seu repertório linguístico, elas também costumam ser mais dispersas pois como e concentram mais na sua visão acaba sendo mais fácil de se distraírem com as coisas ao seu redor, aprendem com mais facilidade com o lúdico e histórias contadas em Libras, já o adulto, costuma aprender mais através do diálogo, contando sobre seu dia a dia e usando ele como base para aprender a ler e escrever. (PS, entrevista, 2023)

Dessa forma podemos ver que uma das principais diferenças entre o ensino da leitura e escrita para adultos e crianças se encontra na bagagem que cada um deles carrega, o adulto por vezes já viveu experiências que o deixaram, de certa, forma distanciado de determinados grupos por não compartilhar da mesma língua que ele, enquanto a criança está iniciando o processo de se observar como sujeito, membro de uma comunidade de linguagem minoritária, mas que ao se inserir nela, terá a possibilidade de ampliar seus horizontes através de convívio com seus pares e comunicação que lhe permite ampla expressão de suas ideias, sentimentos e opiniões.

Tal constatação torna-se visível na perspectiva da própria pessoa surda como veremos a seguir.

4.2 O ESTUDANTE SURDO COMO PROTAGONISTA DE SEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Muito se é abordado na literatura sobre o estudante como protagonista em seu processo de ensino-aprendizagem, mas essa visão por vezes aparenta não se estender a alunos que possuem alguma peculiaridade, se destoando da visão geral de sala de aula, no

entanto, nesses casos, é mais do que essencial que esses alunos busquem a obtenção de autonomia a partir de suas possibilidades. Como evidenciado por (Freire, 1996, pág 12) “Não existe docência sem discência”, então, é mais do que válido que o estudante observe quais caminhos funcionam como facilitadores para seu processo de aprendizagem, e que o professor observe-se como mediador que facilitará este conhecimento.

Após ouvir o público alvo da pesquisa, consideramos necessário compreender as demandas de cada sujeito e como saná-las, de modo a não ser excessivamente generalista, para isso, os relatos a seguir são provenientes da entrevista com uma mulher surda, estudante da intuição, por meio da qual buscamos analisar sua trajetória e os impactos causados por sua vivência na comunidade surda. As perguntas um e dois relacionam-se a alfabetização e a obtenção da língua de sinais na vida dessa entrevistada.

Não sei ler, mas sou muito inteligente, então sei que vou aprender logo, venho aqui a escola algumas vezes por semana e sinto que já estou achando um pouco mais fácil, no começo era difícil pois não entendia muitas coisas, mas agora, devagar, consigo ir começando a entender algumas coisas. Eu aprendi Libras depois de adulta, não quando era criança, antes eu já conhecia a professora, desde pequena, ela me ensinou alguns sinais, mas só aprendi mesmo a conversar depois de adulta, quando comecei a vir para a instituição, agora converso bastante.

De imediato é possível identificar que a estudante, que na infância teve seu acesso a Libras negado devido a intercorrências durante sua vida, possuía certa dificuldade para compreender o símbolos escritos e sua função como um todo. Por meio deste relato, são explicitadas as possíveis consequências vivenciadas por uma pessoa surda que tem o seu acesso a língua de sinais negado durante a infância. Afonso (2008) afirma que os prejuízos ocorrem pois a construção da identidade é dificultada devido a interferência direta ou indireta de pais ouvintes, que acabam querendo impor a mesma realidade para seus filhos, ignorando sua particularidade e forma diferente de visualizar as experiências cotidianas.

Referente a metodologias, foi possível observar que não existe apenas uma maneira de ensinar, não havendo uma receita pronta que cuide de todas as demandas desse público, no entanto, existem maneiras que foram consenso entre todas as docentes e seguiram sendo mencionadas pela estudante do que foi realizado com ela em suas aulas.

A professora usa a Libras para tudo, tudo, sempre associando as letras que escreve no quadro com o alfabeto manual e ligando a palavra que ela escreve ao sinal, é difícil de lembrar, mas sempre revisamos muito então quando repete muito, acabamos lembrando de tanto repetir, eu gosto do jeito que ela ensina. Minha dificuldade é só realmente lembrar, mas quando escrevo com o alfabeto manual é mais fácil para mim do que no papel.

Observa-se que, embora em diferentes fases da vida escolar há uma similaridade entre as dificuldades dos estudantes com outros depoimentos encontrados durante a construção do referencial bibliográfico (Santos, Silva R. Silva M., 2016).

Por outro lado, a estudante apresenta depoimentos acerca de alguns elementos que a auxiliam nesse processo.

Conversar com a professora, acho que isso é o que mais ajuda, ela sempre é compreensiva com a gente e repete sempre que pedimos, ela usa muitas figuras e muito sinais, às vezes lembro de como se escreve o começo de uma palavra quando penso na imagem dela, e isso é bem legal porque uma coisa me faz pensar na outra e isso ajuda.

Por fim, chegamos à ideia principal da pesquisa. Foi questionado a participante se em sua opinião seria mais fácil um adulto ou uma criança surda aprender a ler e escrever o português e porque chegou a essa conclusão.

Eu acho que criança aprende mais fácil, elas têm muito tempo, aprendem brincando, eu gostaria muito de ter aprendido criança, mas nessa idade nem Libras eu sabia, depois que aprendi, depois de adulta foi muito bom, eu gosto de conversar, e escrever, também deve ser mais fácil, porque você lê brincando e escreve brincando, com muitos jogos de cartas.

A partir dos dados apresentados neste capítulo foi possível obter uma maior aproximação com a perspectiva daqueles que vivenciam esse processo de alfabetização na integralidade, tanto os alunos surdos que compreendem suas vivências, quanto os professores, surdos ou ouvintes, igualmente responsáveis por fazer com que esse aprendizado seja facilitado e posteriormente adquirido usando recursos e estratégias de adaptação.

No próximo capítulo daremos prosseguimento rumo a finalização da pesquisa, apresentando as considerações finais acerca do trabalho com base em tudo que foi discutido e evidenciado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todas as atividades trabalhadas ao decorrer da elaboração desta pesquisa, foi possível notar que a alfabetização voltada para crianças surdas, tal qual como em seu processo tradicional, não possui receita pronta, foi notório que apesar de existir ideias que oferecem embasamento para tornar esse processo mais linear e proporcionar um norte aos professores, não existe uma única estratégia que deve ser implementada para que o aluno e docente sigam como uma cartilha, o que é positivo, pois retira a ideia robótica e repetitiva associada aos processos educacionais.

Durante toda a busca de dados, usando mais informações e autores a serem estudados, mais questionamentos apareciam, o que causou um certo receio de acabar finalizando a pesquisa respondendo a análise proposta, mas com uma série de outras dúvidas referentes a essa questão. O que pôde-se perceber ao fim, que não trata-se de algo negativo, apesar de notar que quanto mais nos aprofundamos mais existem pontos a serem explorados.

A questão docente e as estruturas presentes do ambiente escolar foram imprescindíveis para determinar as respostas de diversos tópicos da pesquisa, foi benéfico compreender que mesmo não sendo ainda uma realidade totalitária, existem ambientes nos quais o estudante surdo tem espaço para protagonizar seu processo educativo dentro da escola, onde há uma imersão e identificação com o outro, o que propicia para esse aluno além de mera absorção de conteúdos, também uma representatividade, possibilitando que surja em sua perspectiva uma projeção futura de possibilidades a serem alcançadas caso ele se identifique dentro daquele espaço e explore as oportunidades que se apresentam no ambiente.

Conclui-se que a alfabetização de crianças surdas segue também preceitos comuns a todos os indivíduos, e dito isso, é válido salientar que não nos referimos a processos e metodologias voltados meramente a alfabetização da palavra escrita, e sim, inicialmente, daquela que o indivíduo obtém a partir do momento que vivencia e compreende o mundo ao seu redor, a leitura de mundo que faz uso antes da palavra escrita, da conversação, troca e interação com pares. Pois todo sujeito – inclusive as pessoas surdas

– trazem consigo uma bagagem de saberes adquiridos ao longo de sua trajetória independentemente dos anos de vida empregados a esta, pois nenhuma experiência é menos válida que a outra.

Destaca-se também a importância do surdo estar presente em todos os ambientes e não só em papel de aprender determinado assunto, mas sim de mediar saberes, principalmente quando nos referimos a educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental, onde são desenvolvidas habilidades que permeiam do social ao conteúdista e que devem desenvolvidas por aqueles que compreendem e compartilham da mesma experiência linguística dessas crianças.

É importante também mencionar que a pesquisa não consistiu no primeiro contato da pesquisadora com essa temática, pois vem de uma curiosidade que surgiu durante o estudo da Libras como língua, no entanto, é notório que só é perceptível que houve um aprendizado quando precisamos de fato utilizá-lo em nosso cotidiano para o alcance de determinado objetivo, e foi o sentimento presente quando a conversação ocorreu de maneira fluída em uma língua que não é a minha nativa.

Para trabalhos futuros busco aumentar o público a ser alcançado com essa pesquisa, tal como o tempo de permanência em campo, pois assim é possível compreender para além de modo qualitativo também de forma quantitativa todo esse processo.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Carlos. **Formação de professores para a educação bilíngue de surdos**. Saber (e) Educar 13 | 2008.

ALMEIDA, Dulce Barros. **Política educacional e formação docente na perspectiva da alfabetização. Educação**. CE/USFM. Santa Maria (RS), v. 32, n.2, 2017, p. 327-342. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em: 10 de abr. 2023.

BAIENSE, Joyce Karolina Ribeiro; MACHADO, Lucyenne Matos da Costa Vieira; SILVA, Rafael Monteiro da. **A importância da formação docente para a Educação de Surdos nos ambientes educacionais**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 20, 30 de maio de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/20/a-importancia-da-formacao-docente-para-a-educacao-de-surdos-nos-ambientes-educacionais>>

Bart, C.; Loureiro, C. B. C. e Santarosa, L. M. C. (2003), “**Ferramentas Digitais: suporte para aprendizagem da escrita da língua de sinais e apropriação da escrita da língua de portuguesa**”. In: Congresso Iberoamericano de Informática em La Educacion Especial, Madri.

BARBOSA, G. L. S.; PAULU, E. de M.; SIMÕES, M. W. de F.; JESUS, P. R. ; SUART, R. de C. **O caderno de Campo como instrumento de reflexão para a formação inicial de professores de Química**. Scientia Plena, VOL. 13, num.05, 2017.

BELLUGI, U.; KLIMA, E. S.; POIZNER, H. **Sign language and the brain**. In: PLUM, F. (Ed.). **Language communication and the brain**. New York, NY: Raven Press, 1988

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>> Acesso em: 03 de set. 2023

BRASIL. **LEI 13.416/2015**.

CAPOVILLA, Fernando C.; CAPOVILLA, Alessandra G. S. **Educação da criança surda: o bilinguismo o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita Alfabética**. Revista Brasileira de educação Especial, 08(02), 127-156. Recuperado em 16 de setembro de 2023, de http://educa.fcc.org.br/SciELO.php?sceipt=sci_arttex&pid=S1413-65382002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em

CARMONIZE, Michelle M; NORONHA, Samanta C.C. **Surdez e Libras: Conhecimento em suas mãos**. São Paulo: Hub editorial, 2012.

HANSEN, B. Trends in the progress towards bilingual education for deaf children in Denmark. In PRILLWITZ, S.; VOLLHABER, T. (Eds.). **Sign language research and application. International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf**. Hamburg: Signum Press, v. 13, p. 51-62, 1990.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**. São Paulo: Ática, 2009

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. Minas Gerais, 02 de abril de 2020. Disponível em: https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia_escrita/#:~:text=Estudiosos%20j%C3%A1%20encontraram%2C%20em%20paredes,a%20escrita%20cuneiforme%20na%20Mesopot%C3%A2mia. Acesso em: 12 de jul 2023

FABIAN, Gleison Rocha. LIMA, Ezer W. Gomes. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS**. Conedu: VII congresso Nacional de Educação, 2022.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. **Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 3, p. 127-150, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe.3/0104-4060-er-03-127.pdf> Acesso em: jun. 2023.

FELIPE, T. A. **Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos**. Rio de Janeiro: Revista Espaço – INES, 1997. p. 41-46, Vol. 7.

FERREIRA, A. P. **A importância do ensino de artes visuais na educação infantil. Escola de Belas Artes**. Belo Horizonte: UFMG, 2015. Monografia (ESPECIALIZAÇÃO) Ensino de Artes Visuais. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBDA9KJ8D/monografia_ana_patricia.pdf?sequence=1 Acesso em: abr. 2023

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GUARINELLO, W. W. F. **Integração social e educação de surdos: uma revisão de conceitos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Babel, 2018.

GONÇALVES, Humberto Bueno. FESTA, Priscila Soares Vidal. **METODOLOGIA DO PROFESSOR NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS**. Revista Eletrônico do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. ISSN 2175-1773 - DEZEMBRO DE 2013. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO_PRISCILA.pdf&ved=2ahUKEwjKgKXburKCaxVappUCHVu9BfcQFnoECBcQAQ&usg=AOvVaw0kJIT5UeyJF2i7vukcvvcD> Acesso em: 23 de setembro de 2023.

HONORA, Márcia. **Inclusão Educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização**. Editora Cortez, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2023

JOSÉ FILHO, M. **Pesquisa: contornos no processo educativo.** In: Mário José Filho; Osvaldo Dalbério. (Org.). Desafios da Pesquisa. 1ed.Franca: UNESP, 2006, v. 1, p. 63-75.

KLEIN, Fraken Alessandra. KRAUSE, Keli. **O processo de alfabetização e letramento da criança surda em L2 NUMA perspectiva Inclusiva.** X Seminário Internacional de alfabetização, 2017. Disponível em:<
<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/alfabetizacao/article/view/8598>> Acesso em 15 Jun.2023

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda. **Gestão pública, formação e identidade de profissionais de educação infantil.** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 131, p. 423-454, maio/ago. 2007.

KOSLOSKI, Deisi Viviane Schier; ANSAI, Rosana Beatriz. **AFETIVIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR.** 2008. 107 f. p. 06-18. 8º Encontro de Iniciação Científica. 8º Mostra de Pós Graduação. Seção de artigos. FAFIUV. Disponível em <http://interacao.info/diversos/Marcia/2013%20-%201%20semestre/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 15 Jun. 2023

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Caderno CEDES, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf> Acesso em: 12 de ago 2023.

LODI, Ana Claudia Balieiro; ROSA, André Luís Mاتيولli; ALMEIDA, Elomena Barboza de. **Apropriação da Libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-alunos surdos em um contexto educacional bilíngue.** ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

MIGUEL, Fernanda Valim Cortes. **A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO PARA INVESTIGAÇÃO EM PESQUISAS QUALITATIVAS NO CAMPO DA LINGÜÍSTICA APLICADA.** REVISTA ODISSÉIA – PpgEL/UFRN. Nº5 Jan – Jun 2010. ISSN 1983-2435

PEREIRA, Maria Cristina Pires. FRONZA, Cátia de Azevedo. **SISTEMA SIGNWRITING COMO UMA POSSIBILIDADE NA ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS SURDAS.** Encontro do Círculo Lingüístico do Sul (CELSUL). Pelotas: UCPEL e UFPEL, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem.** Editora Artmed, 1997.

SANTOS, Rosemary Meneses do. SILVA, Roberto Vinicio Souza da. SILVA, Mirian Machado da. **OS DESAFIOS DE ALFABETIZAR ALUNOS SURDOS NA SALA DE ENSINO REGULAR.** II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Editora Anais, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA12_ID3265_13102016184204.pdf> Acesso em: 20 de set de 2023

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** In: Revista Brasileira de Educação. nº n. 25, Rio de Janeiro, jan./abr. 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Maria Aparecida Leite; CARVALHO, Maria de Fátima. **O professor e o aluno com deficiência**. Edição, 2012.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

Disponível

em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em 29 set 2023.

SOUZA, Claudenice Costa. **Ludicidade: jogos e brincadeiras de matemática para a educação infantil**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2016.

TADA, I. N. C. et al. **Conhecendo o processo de inclusão escolar em Porto Velho-RO**. Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília - DF, v. 28, n.1, p.65-69, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100008&lng=en Acesso em: abr. 2020.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

THOMA, Adriana S. **Educação dos surdos: Dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos**. In: THOMAS, Adriana; LOPES, Maura (Org.) A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

TURETTA, Beatriz dos Reis; GOES, Maria Cecilia Rafael de. (Org.). **Uma escola duas línguas**. Porto Alegre: Mediação. 2009.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. 1983. Educ. Pesq. vol.37 n.º4. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517_7022011000400012&script=sci_arttext>. Acesso em 04 ago. 2013

APENDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA (DOCENTES)

- 1- Qual a sua formação?
- 2- Tem quantos anos de experiência em sala com surdos?
- 3- Está a quantos anos na instituição?
- 4- Qual a sua área de Ensino?
- 5- O que você conhece sobre alfabetização de surdos?
- 6- Quais os maiores desafios para a alfabetização de alunos surdos?
- 7- Quais as metodologias e estratégias empregadas?
- 8- Quais as principais diferenças entre o ensino para adultos e crianças?

ROTEIRO DE ENTREVISTA (DISCENTE)

- 1- Você é alfabetizada?
- 2- Aprendeu Libras adulta ou criança?
- 3- Qual é/foi a sua maior dificuldade para aprender a ler e escrever?
- 4- O que ajuda/ajudou nesse processo?
- 5- Você acha que é mais fácil para uma pessoa surda aprender a ler criança ou adulta?